

O TEMPO E O ESPAÇO NA FILOSOFIA DE EDGAR MORIN: REFLEXÕES RETÓRICAS PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL

Bruno Felix da Costa ALMEIDA¹, Cristina Rolim WOLFFENBÜTTEL².

¹Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação. Unidade Universitária Litoral Norte – Osório. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); ²Profa. Orientadora. Unidade Universitária Litoral Norte – Osório. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).
E-mails: bruno-almeida@uergs.edu.br; cristina-wolffenbuttel@uergs.edu.br

Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação. Unidade Universitária Litoral Norte – Osório.

Resumo

O texto apresenta uma reflexão retórica, a partir dos pressupostos filosóficos de Edgar Morin. Para tanto, o desenho metodológico empregado configurou-se na abordagem qualitativa, tendo a pesquisa bibliográfica como método e a análise retórica para a análise dos dados selecionados. Considerando-se as relações empregadas, entende-se que a Educação Musical pode ser constituída na união entre ciências distintas, para que se torne fonte de conhecimento diante da reflexão filosófica em Educação, diante das proposições de Morin quanto ao pensamento e compreensão da Educação no tempo e no espaço vivenciado.

INTRODUÇÃO

De Heráclito a Beethoven, Morin (2014) explica que os filósofos que o marcaram são os que alimentam a “unidade e a diversidade” de suas “interrogações” (p.17). Deste modo, sua relação com a filosofia “foi aberta e jamais se fechou na disciplina Filosofia” (MORIN, 2014, p. 17). Para o autor, o contato com os pensamentos dos mais diversos filósofos o ajudou a compreender “os domínios da vida e do conhecimento” (MORIN, 2014, p. 18) e, por sua vez, o do autoconhecimento. A “constelação” composta pelos seus filósofos não o liga tão-somente a um pensamento exclusivo, mas sim às possibilidades de entendimento que cada um deles pode trazer à compreensão da vida, de si, do mundo e do universo (MORIN, 2014). Diante do exposto, considerando-se os estudos realizados por Edgar Morin, emerge o questionamento: Qual a contribuição do tempo e do espaço, na Filosofia de Edgar Morin, para a reflexão sobre a Educação Musical contemporânea? Portanto, a proposta deste estudo incide na reflexão sobre as contribuições filosóficas de Edgar Morin aos diferentes tempos e espaços para se pensar a Educação Musical na atualidade.

METODOLOGIA

O desenho metodológico utilizado na investigação consistiu na abordagem qualitativa. De acordo com Denzin & Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa pode se apresentar com diferentes significados, de acordo com o complexo campo histórico existente, ou seja, envolve uma abordagem naturalista e interpretativa do mundo. Por sua vez, o método de coleta de dados empregado configurou-se na pesquisa bibliográfica. Severino (2007, p. 122) explica que “a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir de registros disponíveis, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc”. E, para a análise dos dados bibliográficos, fez-se uso da análise de retórica proposta por Leach (2015). Para a autora, este tipo de análise consiste em “um ato discursivo”, ou seja, configura-se como um ato de produzir “argumentações sobre argumentações” (LEACH, 2015, p. 307).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A filosofia de Morin recebeu, paulatinamente, influência dos pensamentos budistas e cristãos de Pascal, Spinoza, Rousseau, Dostoiévski e Proust, da Escola de Frankfurt e do Surrealismo, dentre outros que puderam conduzi-lo “rumo ao indizível” que, segundo Morin (2014), seria a continuidade de suas relações apresentadas, em se tratando dos filósofos que o ajudaram a constituir sua filosofia. O aprofundamento sobre a complexidade do pensamento filosófico, em Morin, sobre/na filosofia da educação pode contribuir ao pensamento educativo-musical, considerando-se que a complexidade é um termo gerador de problemáticas e não de soluções, permeando discussões sobre a inteligência, a intencionalidade, os sistemas, a organização e a desorganização, a ação, a causalidade e o paradigma. Morin (2015a) explica que a complexidade é composta por associações, por paradoxo (único e múltiplo), “é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico” (p. 13). Todavia, reconhece que seu propósito incide sobre a sensibilização do pensamento, evitando ações que possam tolher a patologia do pensamento contemporâneo. Assim, compreendendo uma parcialidade da incerteza, ligada à ordem e à desordem, também se entende as relações da complexidade, quer seja no caos e/ou na organização (MORIN, 2015a). “O pensamento complexo não recusa de modo algum a clareza, a ordem, o determinismo. Ele os considera insuficientes, sabe que não se pode programar a descoberta, o conhecimento, nem a ação” (MORIN, 2015a, p. 83). Portanto, nenhum pensamento complexo pode se desvincular da realidade em que está inserido, pois a realidade é mutante. O autor complementa, esclarecendo que “a complexidade está no coração da relação entre o simples e o complexo, porque uma tal relação é ao mesmo tempo antagônica e complementar” (MORIN, 2015a, p. 103). Contudo, o pensamento complexo baliza o que Edgar Morin entende, principalmente, sobre a complexidade, a epistemologia e o paradigma, diante da reflexão sobre/na constituição da ciência que pode conduzir às descobertas intencionais, como pode, também, levar a caminhos inesperados. Pode conduzir à identificação de “brechas” em sistemas estabelecidos, bem como à proposição de uma nova teoria que emerge na fissura de uma teoria antecessora, podendo conduzir a descobertas ou não. O pensamento complexo remete, portanto, à existência sistêmica presente no meio mutante que é percebido. É diante da perspectiva da educação formulada por Jean-Jacques Rousseau que o autor busca alicerces para refletir sobre viver, sobre como compreender as relações humanas e sociais diante dos desafios em que se apresentam o conhecimento de saber viver e conhecer. Nesse sentido, é através das experiências adquiridas no convívio com familiares e educadores, nas relações com a literatura e nos encontros do cotidiano que se aprende a viver. É na tradução e reconstrução do real que o conhecimento se consolida (MORIN, 2015b). É, também, neste espaço de conhecimento e autoconhecimento que decorre o “ensinar a conhecer o conhecimento” através dos erros e das ilusões existentes na humanidade, na sociedade (MORIN, 2015b, p. 24). Nas palavras do autor, “viver é ter necessidade, para agir, de conhecimentos pertinentes que não sejam mutilados, nem mutilantes, que situem qualquer objeto ou acontecimento em seu contexto e em seu complexo” (MORIN, 2015b, p. 25). Deste modo, para ensinar a viver são necessários enfrentamentos diante de incertezas e de riscos. Todavia, religar os saberes inerentes à vida pode conduzir ao caminho da compreensão e do compreender diante de particularidades sobre os significados singulares de qualidades, bem como aptidões desenvolvidas diante das vivências terrenas. Morin (2015b) apresenta a educação para o viver diante da perspectiva da autonomia, ou seja, de educar para saber viver na perspectiva da liberdade, encontrando a libertação através do conhecimento e de pensar sobre as escolhas, as teorias, as filosofias e da diversidade de opiniões. Entretanto, alerta o autor, “a liberdade pode ser perigosa quando contradiz as verdades estabelecidas” (MORIN, 2015b, p. 53), pois, diante de uma escola que não está preparada para ofertar subsídios para as aventuras de viver, o desafio é superar a falha sobre a missão primordial, ensinar a viver. Morin (2015b) alerta, também, sobre os riscos da cegueira sobre/no conhecimento. Para ele, comunicar os conhecimentos comporta dificuldades e fraquezas, possui predisposição aos riscos do erro e da ilusão. Por sua vez, esclarece as causalidades dessas cegueiras: a primeira incide sobre o esquecimento das experiências, pois toda nova experiência tem sua fonte geradora a partir de outros momentos vivenciados, não é inédita; a segunda causa compreende a reciprocidade sobre a identificação dos problemas, aceitando os apontamentos externos às soluções cabíveis; a terceira, o fracasso ao solucionar um problema diante de uma limitação

tecnológica ou intervenção tardia; e por fim, a quarta, que compreende a cegueira sobre a ação por interesses individuais, obscurecendo o interesse do coletivo (MORIN, 2015b). Morin (2015b) defende, então, as possibilidades da integração das áreas do ensino, à medida que possam se complementar diante dos desafios de conhecer o conhecer, de enfrentar as incertezas, os riscos, os erros e as ilusões, bem como as cegueiras que podem ser provocadas diante do contexto do pensamento complexo que compreende o ensino, o aprender e a educação. Deste modo, “o ensino deve contribuir não apenas para uma tomada de consciência de nossa Terra-Pátria, mas também permitir que essa consciência se traduza em uma vontade de realizar a cidadania terrena” (MORIN, 2015b, p. 157). Logo, o manifesto de transformação da educação é ensinar a viver e a conviver neste tempo e espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões expostas em diálogo com os pensamentos de Edgar Morin retorna-se às problemáticas emergidas no início deste texto, em se tratando da relação da filosofia com a Educação Musical, ao passo que se propõe a entender os caminhos a serem seguidos para as reflexões na complexidade da educação, bem como sobre quais tempos e espaços a reflexão educativo-filosófica pode permear e contribuir aos pensamentos em Educação Musical. Situar qual o “lugar” que Morin busca seus conhecimentos para a proposição de sua filosofia foi primordial para compreender a importância sobre aprender e articular saberes e conhecimentos a partir da heterogeneidade de pensamentos. É possível concordar, discordar, aprofundar e ampliar, propor e transformar, enfim, são muitas as possibilidades que podem conduzir a reflexões sobre/na Educação. A liberdade de pré-julgar, de julgar, além do esvaziamento do pré-conceito e do preconceito, para enxergar além dos erros e das ilusões, propondo a transformação diante das realidades experienciadas em diferentes tempos e espaços, abre fronteiras para a busca de conhecimentos e saberes que podem ser (re)ligados na constituição de um pensamento. Neta relação, o todo de um pensamento não precisa ser pertinente a proposição de um novo pensamento, apenas uma fragmentação do saber pode impulsionar a constituição da proposição de outro conhecimento. Portanto, a busca na complexidade da fonte que impulsiona o pensamento permite reconhecer as contribuições que podem conduzir a constituição de novos saberes e conhecimentos. Diante da perspectiva filosófica de Morin, a possibilidade de compreensão sobre conceitos, paradigmas e doutrinas podem ser fronteiras transponíveis para a transformação destinada à constituição do pensamento complexo que faça sentido no tempo e espaço vivenciado. Saber viver e conviver com a diferença e realizar a reforma do pensamento para a educação, com vistas ao enfrentamento das incertezas em direção à lucidez do conhecimento, pode viabilizar contribuições a educação do futuro e de hoje. A educação para o saber disciplinar e o saber conhecer as pertinências dos conhecimentos para o meio social e cultural em que se está inserido são fundamentais para a integração entre as ciências existentes. O ponto de elisão entre os conhecimentos das mais distintas ciências pode contribuir para o pensamento complexo à educação do futuro. E é diante desta relação educativa que a Educação Musical pode fazer sentido nos tempos e espaços escolares e para além dele. O conhecimento em Educação Musical pode ser integrado e integrador, pode estar presente na escola contribuindo para a aquisição de saberes e na constituição de conhecimentos diante das realidades vivenciadas por cada um dos sujeitos que a experiência. A Educação Musical pode ser constituída na união entre ciências distintas, para que se torne fonte de conhecimento diante da reflexão filosófica em Educação. Os saberes necessários à educação proposta por Morin podem ser integrados às ações educativas e pedagógicas, podem fazer parte e sentido no cotidiano de cada sujeito imbricado na ação de aprender, quer seja através da ação daqueles que ensinam e/ou através da ação daqueles que aprender a viver em um mundo que transborda as relações de sala de aula em direção a vida no mundo. Enfrentar as incertezas, conhecer os princípios pertinentes, aprender a condição humana e a (re)conhecer a identidade no mundo, além de aprender a ter compreensão e ética humana, interligadas aos destinos que se unem através dos diferentes saberes e conhecimentos, podem estar integrados à proposta da Educação Musical do futuro. Deste modo, é possível entender que o futuro é pensar o hoje para que se reflita o amanhã, a partir dos resultados emergidos diante dos conhecimentos gerados na ação de ensinar, de aprender, de viver e de conhecer.

REFERÊNCIAS

DENZIN, Norman K. & LINCOLN, Yvonna. A disciplina e a pratica da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna (orgs). *Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

LEACH, JOAN. Análise retórica. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MORIN, Edgar. *Meus Filósofos*. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015a.

MORIN, Edgar. *Ensinar a viver: manifestos para mudar a educação*. Porto Alegre: Sulina, 2015b.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.